EDUCAÇÃO PARA A PAZ E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: A RESILIÊNCIA COMO PILAR

SALLES, Nei Alberto Salles/UEPG/PR – AIE/SP
nei.alberto@uol.com.br

Resumo

A formação de professores em Educação para a Paz - que aborda temas como prevenção de violências, mediação de conflitos e pedagogia dos valores humanos – é campo ainda carente de discussão e análise. Este artigo aborda a relação entre formação de professores, Educação para a Paz e o conceito de *resiliência*, este último entendido como aspecto fundamental da formação. Trata-se de um conceito que se expressa como a capacidade de responder de forma mais consistente e realista aos desafios e dificuldades do mundo. Portanto, é um conceito que precisa ser aprofundado, tanto na dimensão conceitual como nas práticas cotidianas no ambiente educacional, particularmente nas questões ligadas à paz, violências e conflitos.

Palavras-chave: Formação de professores; Educação para a Paz; Resiliência.

Notas sobre a formação de professores

A formação de professores tem sido observada de maneira ampliada no Brasil, especialmente na última década. A idéia de "reciclagem" foi superada e deu espaço ao pensamento de formação continuada, que pressupõe o desenvolvimento profissional ao longo do ciclo de trabalho docente. Junto a isto, o universo educacional particularmente a partir de meados dos anos 90 do século XX, é marcado pelo grande avanço teórico sobre a educação em várias as dimensões: conceitual, metodológica e, sobretudo, nas relações humanas e sociais estabelecidas no contexto educacional.

De maneira geral a discussão sobre a formação de professores questiona o modelo onde o professor era visto como mero instrutor e as relações humanas eram limitadas à formalidade, dando forma ao paradigma chamado de racionalidade técnica, entendida como atividade profissional instrumental, onde o docente era visto como técnico que não necessitava refletir sobre o conhecimento científico, mas sim dominar as rotinas técnicas que dele se derivavam. O paradigma racional técnico de formação de professores mostrou-se limitado em preparar o professor para enfrentar a complexidade dos fenômenos educacionais, a qual requer uma percepção que lhe dê instrumentos analíticos para gerir situações

problemáticas e dilemas que se lhe configuram no dia-a-dia da sua atividade educacionais.

Hoje, muitos são os desafios que se colocam para a formação de professores, entre eles: mudanças nas leis que regem o ensino nos diferentes níveis; novas concepções de educação; as teorias sobre o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos; o impacto das tecnologias da informação e das comunicações sobre o processo de ensino e aprendizagem; a garantia da sistematização e a superação da mera informação; os processos relacionais no contexto educacional, particularmente ligados às violências nas escolas, entre outros:

Frente aos desafios colocados, surgem novas exigências ao papel docente, como:

> (...) a necessidade de um professor como mediador do conhecimento e não detentor do poder; o respeito pelo desenvolvimento de cada aluno no processo de ensino aprendizagem; o atendimento à diversidade dos alunos que chegam à escola; o incentivo ao enriquecimento curricular; a elaboração e execução de projetos; a utilização de novas metodologias e estratégias de ensino, bem como, novos materiais de apoio; o desenvolvimento da capacidade de trabalho em equipe. (RIBAS, 2001, p.23)

O professor não pode ser mais um mero consumidor de teorias. Ele deve se utilizar destas para construir, através de referencial teórico e vivência cotidiana, seu próprio caminho. Sendo assim, precisamos rever continuamente os modelos de formação para que estes possam atender aos desafios colocados perante nossos professores. Segundo RIBAS (2001, op.cit.) existem princípios que podem nortear uma possível reforma na formação dos professores. Entre eles está a competência do professor para viver de forma intensa os diferentes espaços educacionais como co-gestor e não apenas expectador dos acontecimentos no interior da escola; a necessidade de uma nova concepção de aprendizagem e, mais do que tudo, a competência para abraçar os novos e incontáveis desafios que o processo de ensino coloca nos dias atuais.

Em meio a tantas mudanças de ordem social, política, econômica, filosófica e diante da violência estrutural que inevitavelmente adentra os portões da escola, a formação de professores não pode se configurar exclusivamente pela ênfase em técnicas, metodologias de ensino diretivas e apelos da mídia, mas, que inclua a capacidade de interpretar os acontecimentos e posicionar-se frente aos mesmos. Como o sujeito não se faz no individual, mas nas relações sociais, sua educação é necessária para capacitá-lo a construir o seu próprio conhecimento e acessar o conhecimento produzido histórica e culturalmente. Assim, também deverá acompanhar as mudanças e acontecimentos em relação ao conhecimento.

Sabendo que a formação de professores passa por questões maiores como: que professores estamos formando? Para que estamos formando? Qual professor para qual mundo? Entre tantas outras questões, decidimos apontar para o que diz Milani, que ao comentar sobre um possível paradigma de Cultura de Paz, remete seu olhar para uma possibilidade de Educação para a Paz:

> No que se refere à escola, a abordagem da Cultura da Paz ressalta diversas necessidades e estratégias: uma relação educador-educando fundamentada no afeto, respeito e diálogo; um ensino que incorpore a dimensão dos valores éticos e humanos; processos decisórios democráticos, com a efetiva participação dos alunos e de seus pais nos destinos da comunidade escolar; implementação de programas de capacitação continuada de professores; aproveitamento das oportunidades educativas para o aprendizado do respeito às diferenças e a resolução pacífica de conflitos; abandono de modelo vigente de competição e individualismo por outro, fundamentado na cooperação e no trabalho conjunto, etc. (2003, p.39)

Considerando a possibilidade da sistematização de possibilidades mais abertas em educação, como a Educação para a Paz e, supondo a necessidade da formação de professores nessas questões, recorremos à Alarcão (1998) que diz que refletir é algo além da rotina do trabalho no cotidiano da educação, é algo mais elaborado. Para a autora ser reflexivo é mais do que refletir sobre sua prática é refletir sobre si mesmo, sua história, seus papéis sociais, suas perspectivas.

Nesse breve introdução, observamos algumas questões da problemática na formação de professores. Percebe-se que cada vez mais, caminhando junto às reflexões da profissionalização, exigem-se cada vez mais competências técnicas e humanas dos professores. Desse quadro de preocupação com tantas expectativas e muito trabalho a fazer, emerge um conceito fundamental na formação de professores: a *resiliëncia*, que pretende ser um elemento positivo de sensibilização, atenção e conhecimento para o professor enfrentar com adequação os problemas que surgem ao longo de sua caminhada. Nossa reflexão pretende trazer argumentos para a formação de professores especificamente para as perspectivas que apontam para a Educação para a Paz, conforme já explicitado anteriormente..

Um breve contexto da Educação para a Paz: um tema fundamental na formação de professores

Nos últimos anos, particularmente neste início de século XXI, é grande o debate sobre a paz como valor a ser agregado na vida. A tarefa hoje é buscar um núcleo de idéias mais

claras sobre a questão que todos reconhecem como fundamental, mas, ao mesmo tempo, difícil de ser mapeada enquanto possibilidade pedagógica para o cotidiano escolar. Inicialmente perguntamos: como a Educação em geral pode incorporar uma Educação para a Paz? Quais os elementos constitutivos dessa Educação para a Paz? É possível realmente educar para a paz? Sonho, utopia, realidade ou necessidade concreta?

Se partirmos das questões expressas pelo Centro Internacional de Investigação e Informação para a Paz - CIIIP (2002), segundo as quais, desde os anos 80, na América Latina, cresce o quadro da violência organizada, reaparecem doenças infecto-contagiosas, aumenta o uso de drogas, cresce a exploração de crianças e menores, dissemina-se discriminação racial e de gênero e se evidencia a desintegração social, percebemos que existem situações concretas que inserem o Brasil neste cenário de violências. Segundo o CIIIP na América Latina é grave a violência estrutural, e, essa desigualdade social pode conduzir pessoas e países à "desintegração social, diminuir as formas de ações solidárias e cooperativas, aumentar a desconfiança mútua e dificultar os processos de governabilidade e os acordos políticos" (2002, p.104).

Acreditando que pensar, discutir e estruturar ações da Educação para a Paz é realidade necessária, devemos estar atentos para estruturá-la adequadamente, pois existe ainda há certo ceticismo de muitos professores em relação ao tema, justamente pela não discussão crítica sobre a própria paz, com os limites e possibilidades que oferecem na vida em sociedade e nas escolas. Guimarães diz que a Educação para a Paz, pela sua trajetória nas ultimas décadas, especialmente na constituição de um conjunto teórico e metodológico e o afastamento da idéia de modismo, "necessita ser estudada, conhecida, debatida, para que as propostas de educação para a paz, em terras brasileiras, ganhem fôlego e sustentação" (2005, p.320).

Pensando na possibilidade da Educação para a Paz que aproxime mundo acadêmico do saber-fazer escolar, mediado na formação continuada de professores, temos a contribuição fundamental de Paulo Freire, apresentada por Ana Maria Freire:

> [...] para Paulo a Paz não é um dado dado, um fato intrinsecamente humano comum a todos os povos, de quaisquer culturas. Precisamos desde a mais tenra idade formar as crianças na "Cultura da Paz", que necessita desvelar e não esconder, com criticidade ética, as práticas sociais injustas, incentivando a colaboração, a tolerância com o diferente, o espírito de justiça e da solidariedade. (2006, p.391)

Compartilhando dessa afirmação, apontamos para uma das principais questões da discussão pedagógica da paz, que é sua estreita relação com o olhar crítico e profundo do tema. A paz não é uma condição natural, assim como não o é a violência, posto que ambas são processuais e construídas. Sendo assim, parece aceitável que se explicite um corpo de

conhecimento que pense a paz, na educação e na formação de professores, como um conjunto de saberes, práticas e experiências passíveis de reflexão, análise e sistematização. Ainda nesse caminho, Freire diz, ao receber o Prêmio UNESCO da Educação para a Paz de 1986:

> De anônimas gentes, sofridas gentes, exploradas gentes aprendi sobretudo que a Paz é fundamental, indispensável, mas que a Paz implica lutar por ela. A Paz se cria, se constrói na e pela superação de realidades sociais perversas. A Paz se cria, se constrói na construção incessante da justiça social. Por isso, não creio em nenhum esforço chamado de educação para a Paz que, em lugar de desvelar o mundo das injustiças o torna opaco e tenda a miopizar as suas vítimas. (*apud* FREIRE, 2006, p.388)

Na linha de pensamento de Paulo Freire nos aproximamos de questões presentes aos educadores brasileiros. É difícil acreditar que existam educadores que pensem que suas aulas estão desligadas do cotidiano de seus alunos e que acreditem que o conteúdo é a única forma de mediação entre si mesmo e os alunos. Assim, também é difícil pensar que existam educadores que afirmem que a paz, ou uma Educação para a Paz, não está diretamente relacionada com questões fundamentais na educação e da escola. Nesse caminho, podemos dizer que a construção objetiva da EP na educação brasileira, passa por reconhecer essa forte relação com o pensamento educacional de Paulo Freire, expressa por Ana Maria Freire:

> A Paz tem sua grande possibilidade de concretização através do diálogo freireano porque ele inscreveu na sua epistemologia crítica a intenção de atingí-la. O diálogo que busca o saber fazer a Paz na relação entre subjetividades entre si e *com* o mundo e a objetividade do mundo, isto é, entre os cidadãos e a possibilidade da convivência pacífica, é a que autentica este inédito-viavel. (2006,p.392)

Apontar para a relação entre subjetividade e objetividade, através do diálogo que busca a paz, aproxima também questões que circundam e se entrelaçam na discussão da paz. Complexidade, teoria crítica, inter e multidisciplinaridade, transversalidade, pós-modernidade, entre tantas contribuições filosóficas e sociológicas que fazem parte dessa construção, com a atenção óbvia ao relativismo ou superficialidade, mas com abertura ao diálogo e aproximação. Observar que a Educação para a Paz é tarefa importante e que inúmeros educadores têm se preocupado com ela é fundamental; entretanto, surge a pergunta: como articular esse conhecimento? Quais os caminhos para se educar para a paz? Ainda com Paulo Freire, podemos supor princípios básicos da Educação para a Paz a se pensar na formação de professores:

> É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática

> pedagógico-progressista, que não se faz somente com ciência e técnica. (1997, p.136).

Nessas palavras, percebemos como subjetividade e objetividade, sendo complementares, trazem saberes para pensar em cultura da paz, na medida em que amor, humildade, gosto pela vida e pelo trabalho e abertura ao novo são palavras muito presentes no fazer da vida e ainda pouco discutidas na formação de professores. Obviamente, esse currículo oculto sobre o ser (pessoa/professor) abre para perspectiva da diversidade, inevitável na vida e na educação. Nesse caminho, entendemos que diversidade, conflitos, diálogo e construção são fundamentais para o crescimento individual e coletivo. Podemos agregar essa perspectiva ao pensar na formação continuada de professores em Educação para a Paz, e Freire, mais uma vez, nos faz acreditar nessa possibilidade:

> Nas minhas relações com os outros, que não fizeram necessariamente as mesmas opções que fiz, no nível da política, da ética, da estética, da pedagogia, nem posso partir de que devo "conquistá-los", não importa a que custo, nem tão pouco temo que pretendam "conquistar-me". É no respeito às diferenças entre mim e eles ou elas, na coerência entre o que faço e o que digo, que me encontro com eles ou com elas." (1997, p. 152)

Ao considerar o critério da coerência entre falar e fazer, podemos nos aproximar algumas questões significativas na constituição do corpo de conhecimento da Educação par a Paz, pois a discussão sobre a violência estrutural e as mazelas sociais não pode ignorar a importância dos afetos, da ludicidade, da inteligência emocional, que por sua vez não podem deixar de lado os dados quantitativos sobre as diversas violências. A discussão sobre a paz é feita por muitos e diferentes atores e com perspectivas diferentes, com formas diversas de pensar a vida e a educação. Aqui cabe apontar, de passagem, a proposta defendida por Saturnino La Torre sobre o *sentipensar*. Para La Torre esse é um processo em que pensamento e sentimento trabalham juntos, "a partir da reflexão e do impacto emocional, até convergir, num mesmo ato de conhecimento a ação de sentir e pensar" (*apud* MORAES, 2001, p.54).

Observando os caminhos até aqui delineados, intencionamos apontar possíveis saberes para pensar a formação de professores, neste caso a formação continuada, em função da urgência do tema e do saber de experiência acumulado pelos professores no cotidiano, em quaisquer níveis de ensino. Tomamos Paulo Freire como referência fundamental, pois seu pensamento caminha na aproximação entre amorosidade e rigorosidade metódica, entre

afetividade e luta. Relembrando La Torre, a idéia do *sentipensar* parece adequada para a formação continuada de professores em Educação para a Paz.

Saberes para a formação de professores em Educação para a Paz

Ao discutir sobre a Educação para a Paz, Tuvilla Rayo (2002) afirma que ela pode ser estudada em cada um de seus elementos, cujos resultados permitem formular objetivos educativos e projetar formas de atuação didática sempre pensando numa educação participativa e dialógica, que supera a idéia de uma paz ideal. Para o autor, a Educação para a Paz tem seu caminho no entendimento dos conflitos, que sempre vão implicar escolhas e "participação, a comunicação de experiências ou o simples comportar-se em grupo, que requer discordar daquelas decisões consideradas injustas" (2002, p.102). Tuvilla Rayo afirma:

> A aprendizagem da paz implica efetivamente a aquisição de um certo número de conhecimentos, de atitudes e valores que favoreçam a apreciação e compreensão do outro (das diferentes culturas, comunidades e povos); que comprometem o conhecimento e o respeito dos direitos de cada um e dos deveres e responsabilidades que deles se derivam; que suscitam, em resumo, um compromisso moral e cívico para participar ao mesmo tempo na construção de um mundo mais justo e solidário, que leve em conta o direito das gerações futuras de beneficiar-se de um patrimônio natural e cultural de qualidade. (2002, p.106)

O binômio discurso/intervenção é muito importante nessa discussão, por isso, na formação de professores, deve ser proporcionado o equilíbrio entre reflexões e vivências, uma vez que o aprender a conviver convivendo é também relevante.

Para Fernandez (2005) a Educação para a Paz pode abordar temas diversos e importantes que lhe conferem uma dimensão transversal, desde o tratamento de problemas intrapessoais diante de certas situações, até questões sociais que resultem em conflitos e injustiças.

O autor argumenta que, nos últimos anos, três áreas estão se estruturando em relação à Educação para a Paz e que, em nosso entendimento, servem para pensar a formação de professores: a primeira é a educação para o desenvolvimento sociopessoal, que observa as relações interpessoais dentro e fora da escola, além da análise de como os indivíduos se relacionam com instituições, estruturas e a sociedade; o segundo é a educação para a cidadania relacionada à participação ativa e o desenvolvimento da liderança, do autocontrole e responsabilidade pelos próprios atos, com a capacidade de analisar e criticar acontecimentos

sociais; a terceira dimensão é a educação cultural, observada na tolerância, solidariedade, diversidade e pluralidade (2005, p.99-101).

Em relação às características do professor para atuar nas temáticas relacionadas à paz, Fernández destaca: a escuta ativa que pressupõe compreensão e cuidado ao escutar o outro; empatia, saber colocar-se no lugar do outro; assertividade, expressando sentimentos com respeito; autocontrole e auto-reflexão, conhecimento de si; negociação, busca de acordos equilibrados e conflitos resolvidos produtivamente; mediação, com predisposição a tratar pedagogicamente os conflitos; solução de problemas, procurando a solução para evitar conflitos maiores e a violência (2005, p.103-104).

Mesmo com possíveis habilidades do professor, voltamos a lembrar de três palavras às quais nos remetemos nesse texto e que merecem atenção nessa configuração - violências, paz e conflitos – de cuja discussão emerge o principal suporte conceitual para a Educação para a Paz.

Tratando resumidamente podemos dizer que a paz é o contrário de violência (JARES, 2002) e que "qualquer análise da paz deveria estar vinculada a uma análise da violência" (GALTUNG, 1985 *apud* JARES, 2002, p.124). Sobre a violência vale destacar que ela se desdobra em diferentes tipos: violência coletiva, com membros de grupos; violência institucional ou estatal, legitimadas no poder; violência estrutural, expressa nas desigualdades; violência cultural, relacionada a etnias e questões ambientais e a violência individual, não organizada, pessoal e direta que ocorre de forma interpessoal. (CIIIP, 2002 baseado em GALTUNG, 1995)

Na complementação da questão acima, Jares aponta algumas dimensões da paz que merecem registro: a paz afeta diretamente a vida do ser humano; a paz se caracteriza pela ausência de violências e pela presença da justiça e igualdade; a paz está nos níveis interpessoal, intergrupal, nacional e internacional; a paz é um processo dinâmico. Nesse caminho aponta para uma idéia chave quando diz que a "paz nega a violência, não os conflitos, que fazem parte da vida" (JARES, 2002, p.132).

Ao falar de conflitos, Jares (2002) aponta para a inevitabilidade deles na vida em sociedade. Para o autor, os conflitos são situações individuais e ou coletivas onde pessoas ou grupos afirmam valores ou interesses diferentes e divergentes. Ainda diz que os conflitos são importantes na dimensão dialógica da vida, na compreensão de pontos de vista, na afirmação de posicionamentos e no crescimento individual e coletivo.

Por fim, o esmo autor comenta que o conflito é uma das características definidoras da escola, por toda a sua pluralidade e que, portanto, a grande chave está no exercício e na

resolução não violenta dos conflitos. Logo a Educação para a Paz está nessa lógica do entendimento das violências, na busca da sua compreensão, na clareza dos conflitos geradores e com o processo pedagógico de sua mediação, culminando com a não-violência, ou dito de outra forma, a paz construída coletivamente.

Resiliência: mundo "real" e suas possibilidades

Como vimos até aqui, a formação de professores tem peso decisivo no processo de qualificação da educação brasileira. Ao mesmo tempo, esse processo agrega não apenas componentes objetivos. O ser humano professor, com a dimensão relacional, diretamente ligado aos processos dialógicos do cotidiano escolar, age, interage e reage na produção de conhecimento. Nesse sentido os últimos anos são marcados pelo grande avanço teórico sobre as relações humanas e sociais que se estabelecem nas escolas e as possibilidades de superar problemas dessa natureza. Os problemas são, em linhas gerais, as dificuldades que as pessoas (professores, gestores, funcionários) têm de superar situações desfavoráveis – conflitos - no cotidiano, adquirindo posturas rígidas, que, no limite, geram confrontos sem solução - violências - gerando descaso ou simplesmente a aceitação de qualquer forma de imposição externa.

Pensar na formação de professores, especialmente em se tratando do campo da Educação para a Paz, ainda requer aprofundamentos, mas, ao mesmo tempo já acumula encaminhamentos e fundamentos. Um elemento articulador, porém, é a perspectiva da *resiliência.* Quando falamos de um professor preparado para desenvolver Educação para a Paz, não significa falar sobre uma pessoa iluminada ou melhor que as outras. Pelo contrário, buscamos argumentar em função do esclarecimento de que a sociedade atual tem contribuído de maneira decisiva para os comportamentos agressivos, deixando as perspectivas de sonhos, cooperação, participação e crescimento pessoal e coletivo praticamente como utopia ou ingenuidade. Por isso nos apoiamos no conceito de *resiliência*. Embora já exista tanto na literatura internacional quanto nacional, inúmeros escritos sobre o tema, o conceito de *resiliência* ainda precisa ser aprofundado na discussão da formação de professores.

A idéia central que buscamos para o entendimento inicial é de Tavares que diz:

> Resiliência é a capacidade de responder de forma mais consistente aos desafios e dificuldades, de reagir com flexibilidade e capacidade de recuperação diante desses desafios e circunstâncias desfavoráveis, tendo uma atitude otimista, positiva e perseverante e mantendo um equilíbrio dinâmico durante e após os embates – uma característica de personalidade que, ativada e desenvolvida, possibilita ao sujeito

> superar-se e às pressões de seu mundo, desenvolver um autoconceito realista, autoconfiança e um senso de autoproteção que não desconsidera a abertura ao novo, à mudança, ao outro e à realidade subjacente. (2001, p. 29)

Nessa perspectiva, o autor explica que palavra *resiliência* é muito utilizada nos estudos da física como sendo a capacidade de tensão, pressão e deformação não permanente dos materiais. Exemplo disso são as pontes, que mesmo sofrendo deformações momentâneas, devido ao tráfego de veículos, adaptam-se, ajustam-se e resistem ao impacto sem ceder ou quebrar. Essa idéia começa a ser pensada na Psicologia nos anos 1980 buscando uma analogia com a noção da ponte, ou seja, uma metáfora para dizer que o indivíduo submetido a situações de risco, estresse e experiências adversas (deformações momentâneas) se ajustar e adaptar-se positivamente, mantendo-se no foco de suas ações/intenções.

Considerando a realidade atual, particularmente a sociedade brasileira, como uma realidade muito difícil e com inúmeros problemas, particularmente os estruturais que geram violências, muitas pessoas acabam desenvolvendo defesas psicológicas (como por exemplo culpar a todos pelo seu fracasso – a globalização, o presidente do país, o patrão, etc) e culturais (participar de grupos – religiosos, gangues, etc) que, de uma maneira geral, são formas de *resiliência.* No caso dos professores, esse conceito se aplica muito bem, pois muitas vezes, vemos tanto na formação inicial quanto na contínua, professores sem disposição para enfrentar a realidade adversa e que acabam perdendo a auto-estima e conseqüentemente o foco de suas ações na escola.

Nesse sentido, Tavares, comentando da *resiliência* como qualidade, diz que:

> A intenção é que esta qualidade não ocorra como um mecanismo de defesa, mas sim com o objetivo de educar, repensar atitudes, para a formação de sujeitos e grupos sociais mais resilientes. Os conceitos de auto-estima e auto-conceito, as diferentes dimensões da pessoa – ser, estar, ter, poder, querer – são aspectos essenciais, uma vez que o desenvolvimento de capacidades de resiliência passa pela mobilização e ativação dessas dimensões. (2001, p.37)

Como podemos perceber, a idéia da *resiliência* pode trazer um significado para professores, na medida em que atua realidades, diferenças, com um contextual complicado, e que merece ampliar o foco da racionalidade técnica, onde a instrução e os mecanismos eram mais importantes que o movimento de contradição das interações humanas e sociais. Assim, como vemos, parece clara a noção que não adianta apenas falar que a pessoa deve ser "melhor", mais "amiga", mais "tolerante", no sentido "romântico", mas sim realmente pensar e repensar atitudes, valores e possibilidades de buscar desenvolvimento humano real, tanto individual quanto coletivamente.

Aprofundando nessas questões, podemos supor ainda que para os profissionais da educação, existe um caminho a ser trilhado, especialmente na dimensão de melhoria individual, onde novas perguntas surgem ao longo da formação inicial e contínua: O que eu quero ser? Quero estar na educação mesmo? O que eu quero ter na vida? O que eu posso ter? O que eu realmente quero na minha vida? Junto a estas questões outra se coloca: Será que eu posso, quero, tenho vontade, perfil para as coisas que venho fazendo?

É aqui que outro aspecto toma importância; a ampliação do conceito de *resiliência* para as organizações, que para Tavares (2001) seriam os atributos da pessoa resiliente que estariam presentes nas organizações (em nosso caso as escolas): maior flexibilidade, abertura, disponibilidade, liberdade, autonomia, responsabilidade, solidariedade e tolerância, de modo que pudessem responder melhor às demandas educacionais. Como vemos, o discurso educacional é recheado das palavras acima, mas que muitas vezes parecem figurar apenas nos documentos oficiais ou na redação dos Projetos Pedagógicos das escolas. A prática desses valores pode perder-se em meio ao emaranhado burocrático e em hábitos cotidianos competitivos, intolerantes e dependentes de pessoas que trabalham na Educação.

Como vemos, *resiliência* na educação remete à capacidade que as pessoas têm, tanto individualmente quanto em grupo de resistir a situações difíceis sem perder seu equilíbrio inicial, isto é, a capacidade de ajustar-se constantemente de maneira positiva. Isso quer dizer resistir às pressões do cotidiano escolar, mantendo o foco nos objetivos principais do trabalho e da escola. Para Tavares (2002), esta capacidade pode ser fortalecida com o desenvolvimento do auto-conceito e da auto-estima da pessoa. Além disso, comenta que algumas vezes a dimensão espiritual como abertura à esperança também contribui nesse fortalecimento. Aqui um ponto de extrema importância para reflexão.

Nesse sentido, se a *resiliência* se constrói em grande medida pela dimensão da auto-estima, auto-conceito e pela espiritualidade, cabem as questões a seguir: e estas questões não são tratadas na formação de professores? Ou, quando são levantadas, parecem figurar como “assuntos menores”? As questões normalmente situam-se em dois pólos: o primeiro relacionado às questões estruturais (salários, condições materiais) e o segundo às práticas escolares (metodologias, didática, etc). Obviamente as duas questões são fundamentais, mas junto a elas deveriam figurar (e iniciativas nesse sentido começam a ganhar corpo) igualmente as ações voltadas à qualidade de vida do profissional da educação (saúde física, mental, social e espiritual). O objetivo maior dessa dimensão não é que as pessoas se tornem sensíveis, passivas e conformadas, pelo contrário, que ela seja menos violenta, segura, justa e pacífica

nas suas relações cotidianas, mas principalmente protagonista em sua vida pessoal e seu mundo profissional.

Isso idéia passa por Tavares:

> O desenvolvimento de estruturas mais resilientes não deverá nunca encaminhar-se no sentido do pensamento, mas da abertura ao outro reforçando assim os laços, as relações intra e interpessoais em plataformas autênticas, verdadeiras, mais justas, em que a liberdade, a responsabilidade, a confiança, o respeito, a solidariedade, a tolerância não sejam palavras vãs. Para isso não podemos continuar a alicerçar a convivialidade entre as pessoas no medo, na desconfiança, na injustiça, na traição, na exploração, na exclusão, no desespero, procurando depois a segurança com mais polícia, subindo os gradis, reforçando e sofisticando as fechaduras. Mas, como desenvolver esta qualidade nas pessoas e nas sociedades? Este desenvolvimento se passa através da mobilização e ativação das capacidades do sujeito de SER, ESTAR, TER, PODER e QUERER. (2001, p. 50)

O que fica claro com a argumentação levantada até aqui, reafirma a questão de que a formação de professores, também pensada na Educação para a Paz, passa por uma revisão onde a dimensão das relações humanas seja um aspecto central e não uma questão secundária. Discussão sobre fundamentos e metodologias da educação são muitas, mas uma das questões que têm ficado a margem é a forma de conviver do professores com seus pares, seu relacionamento com alunos, funcionários, demais professores e equipe pedagógica. Em síntese, falta ao professor, maior perspectiva de trabalhar com a adversidade em todas as suas formas.

Caminhos e perspectivas

Ressaltamos que a *resiliência* é, na formação de professores, mais que uma invenção teórica, e sim, uma possibilidade de articular elementos de nossa individualidade com situações adversas profissionais e pessoais. Por isso, acreditamos que na formação de professores, um dos aspectos relevantes passa pelo exercício da *resiliência* enquanto parte concreta dessa formação.

Nesse caminho percebemos que conflitos, violências e paz estão incorporados à questão da *resiliência* na medida em que podemos entender a educação na perspectiva da adversidade, realidade e adaptação do professor, pois esse pontos marcam de maneira decisiva a caminhada individual e profissional. Aqui apontamos alguns pilares da *resiliência* que podem ser incorporados à formação de professsores: introspecção, independência, capacidade de se relacionar, iniciativa, humor, criatividade, moralidade, auto-estima consistente (MELILLO; ESTIMATTI; CUESTAS, 2005, p. 62,63).

Com esse estudo, procuramos estabelecer, em linhas gerais, que a formação de professores também necessita lançar um olhar para a questão da Educação para a Paz. A mesma Educação para a Paz, que no seu desenvolvimento traz aspectos cognitivos, afetivos e sociais intimamente relacionados. Nesse sentido, a Educação para a Paz em sua perspectiva ampliada e crítica tem na mediação de conflitos um dos aspectos importantes na prevenção de violências e na criação de uma cultura de paz. Mas esse contexto contrasta com as formas de ver e fazer a educação no cotidiano de muitos educadores, motivo pelo qual o conceito de *resiliência* é fator estratégicoe. Pensar em professores mais resilientes, sugere seres humanos mais autônomos, críticos, participativos, sensíveis e amorosos, professores mais atentos em promover uma cultura de paz.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. Formação continuada como instrumento de profissionalização docente. In: VEIGA, I. P. A. (Org.) **Caminhos da profissionalização do magistério**. Campinas, Papirus, 1998.

CENTRO INTERNACIONAL DE INVESTIGAÇÃO EM INFORMAÇÃO PARA A PAZ: UNIVERSIDADE PARA A PAZ DAS NAÇÕES UNIDAS. **O estado da paz e a evolução da violência na América Latina.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.

FERNÁNDEZ, Isabel. **Prevenção da violência e solução de conflitos**: o clima escolar como fator de qualidade. São Paulo: Madras, 2005.

MORAES, Maria Cândida. **Sentipensar**: fundamentos e estratégias para reencantar a educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

JARES, Xésus. **Educação para a Paz**: sua teoria e sua prática. Porto Alegre, Artmed, 2002.

FREIRE, Ana Maria. Educação para a paz segundo Paulo Freire. In: **Revista Educação**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PUC/RS, ano XXIX, n.2 p.387-393, Maio/Agosto, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUIMARÃES, Marcelo Rezende. **Educação para a paz**: sentidos e dilemas. Caxias do Sul, RS: Educs, 2005.

MELILLO, A.; ESTAMATTI, M.; CUESTAS, A. Alguns fundamentos psicológicos do conceito de resiliência. In: MELILLO, Aldo (et. al) **Resiliencia**: descobrindo as próprias fortalezas. Porto Alegre: Artmed, 2005.

RIBAS, Mariná H. **Construindo a competência**: processo de formação de professores. São Paulo: Editora Olho d'água, 2000.

TAVARES, José. (Org) **Resiliência e educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

MILANI, Feizi Masrour. Cultura de paz X violências: papel e desafios da escola. In: MILANI, F.M; JESUS, R.D.P.**Cultura da Paz**: estratégias, mapas e bússolas. Salvador: INPAZ, 2003.

TUVILLA RAYO, José. **Educação em direitos humanos**: rumo a uma perspectiva global. Porto Alegre: Artmed, 2004.